

J. A. GAIARSA

MINHA
QUERIDA
MAMÃE



MINHA QUERIDA MAMÃE

Copyright © 1992, 2003, 2019 by José Angelo Gaiarsa
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Campos**

Capa: **Marianne Lépine**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 — 7º andar

05006-000 — São Paulo — SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.editoraagora.com.br>

e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Minha querida mamãe,

dizia Albert Einstein que “o mundo não vai superar sua crise atual usando o **mesmo** pensamento que criou esta situação”.

É preciso, pois, começar a pensar – e a fazer – uma **nova educação**.

“Todos nascemos gênios. A sociedade nos torna medíocres.”

BUCKY FULLER

É preciso, portanto, uma nova forma de educação.

A “sociedade”, no pensamento do ilustre arquiteto, somos todos nós, somos principalmente as escolas, sem esquecer que a primeira de todas elas é o lar.

SUMÁRIO

Apresentação	15
Como assumir uma atitude	17
Aprendendo a ensinar	17
Por que educar é tão complicado?	18
Como aprender?	21
Vinho novo em odres velhos...	23
Uma regra de ouro – mesmo!	24
Imitação, a chave do aprendizado fácil	25
A lei da descompensação	28
O mau olhado	30
Tudo que cai na rede é família...	31
Viver perigosamente ou preferir a segurança e a certeza?	33
Liberdade e inteligência	38
O nascer do sol	40
É a criança que está com medo? Ou a mamãe?	41
Manipulação – a raiz da inteligência	42
A mãe antiga	43
No tempo do onça	44
Medo – sinal de perigo	44
Agressividade	47
O mito que nos retrata	49
Agressão significa “caminhar na minha direção”	50
Como esfriar um tempo quente	52
O bom exemplo de pais que brigam bem	57
Entre quatro paredes	58
É melhor implodir do que desabafar	59
A criança é sempre a errada – será?	61
A idade dos porquês	63
Tudo começa no começo...	66
A difícil arte do diálogo	66

Ensinando a realidade	69
O índio e o esquimó	71
O tal diálogo	72
Autoridade	73
Será que criança acredita mesmo em lendas?	75
Promessas e ameaças	75
Os mandatos inconscientes dos pais	77
Escola de pais	78
Tudo às avessas	80
Jesus no templo entre os doutores...	82
Minha querida filhinha – tão inocente e já grávida	84
O principal da conversa não está nas palavras	84
O outro – mesmo criança – me conhece melhor que eu!	86
Transparência irremediável	87
Críticas e cobranças legítimas	90
Os fundamentos da autoridade dos pais	91
Autoridade não é conversa, mas atitude	92
A chave é a reciprocidade	93
O direito de meio século	94
Morte ao riso – e à alegria!	96
O bom cidadão é sério e respeitável – acima de tudo!	97
A música é mais importante que a letra	99
Declare o tom da declaração!	101
O que mais atrapalha é a pose	101
Atenção!	102
Dispersivo é o adulto	103
Guerra de poder	106
“Eles” – a família – se fazem eu	107
Criança é dispersiva?	107
Dinheiro	110
Banco Iar brasileiro	112
Segredos bancários...	113
Será que meu dinheiro dá para o aluguel?	114
Como fazer as mães felizes – e abalar a economia mundial	116

As mães não sabem o poder que têm nas mãos	117
A classe mais oprimida do mundo é a das crianças	119
As maternidades – um crime gritante contra a humanidade	120
O ser humano precisa de dois úteros	122
A idade mais importante da vida	126
O que se aprende até os 5 anos?	127
Amor e calor	129
Como se fazer um joão-teimoso	129
Como aprender a ser mãe?	131
Filho não precisa tanto assim da mãe!	132
Mãe ideal: cada vez menos mãe	133
Somos todos cibernéticos	134
O pequeno mundo da criança pequena	136
Mãe: o mais importante é que você seja feliz!	138
Mãe nunca tem raiva de filho!	139
Maus sentimentos necessários	140
Como desenvolver o instinto materno	142
A lei do demais e do de menos	143
“Dar atenção” – jogo difícil	145
Prêmios e castigos	148
Acréscimo ao capítulo sobre reciprocidade	150
Ansiedade e culpa	154
Gloriosa mediocridade	163
Enantiodromia – o começo do contrário	164
Os lados negativos da mãe	169
Mocinhos – bandidos	169
Acréscimo à fala interminável das mães	172
As caras dos pais	173
Contato, envolvimento, carinho, erotismo e sexualidade	177
É proibido sentir prazer	179
A dança é a primeira das artes	185
Esclarecimento	193

APRESENTAÇÃO

A maternidade representa uma das mais sublimes maneiras de realização da alma feminina e, por isso mesmo, contém uma grande armadilha na vida da mulher. Quando ela se anula durante a educação dos filhos, o que era uma oportunidade de crescimento transforma-se em pressão. A verdadeira relação é aquela em que todas as pessoas envolvidas conseguem se desenvolver. A realização da mulher é algo a ser atingido com os – e apesar dos – filhos!

Por meio da educação dos filhos, é possível concretizar a transformação da humanidade. O novo mundo somente existirá a partir do Novo Homem. E, para que esse novo ser exista, é preciso que os paisousem criar pessoas independentes que saibam ser cooperativas, carinhosas, que respeitem o momento do outro e tenham noção do significado de sua vida.

José Angelo Gaiarsa, psiquiatra, pensador, é um batalhador incansável no anseio de ajudar as pessoas a crescer e se tornar completas, inteiras. Às vezes, um cavaleiro solitário em seu trabalho de despertar o ser humano de seu sono profundo para a consciência.

Neste livro, verdadeira inspiração de mudança, ele vai convidá-lo a um passeio para espaços e pensamentos nunca antes ousados, e poderá até deixá-lo angustiado, mas certamente reflexivo, para que sua vida seja do jeito que você merece.

Com afeto,

ROBERTO SHINYASHIKI

COMO ASSUMIR UMA ATITUDE

Muitas vezes, nas páginas seguintes, você lerá a respeito de quão importante é, para os pais, assumir os maus sentimentos e as más intenções que experimentam diante dos atritos e irritações familiares.

Consideremos, como exemplo, um ato de teimosia infantil ou as justificativas de um adolescente para alguma das ações irritantes que ele faz.

Como se faz para assumir essas coisas?

É **preciso pôr-se diante** da situação, da ação ou das palavras que nos perturbam, **na imaginação**. Sem explicações, sem tentar compreender, sem se perguntar de quem é a culpa ou quem devia.

É fundamental **nada dizer** – apenas pôr-se imaginariamente na situação, vendo e sentindo. Tentar perceber qual ação se teria vontade de fazer naquelas circunstâncias. Presumivelmente, serão desagradáveis, talvez violentas. Aí, na imaginação, **fazer a ação**, uma e muitas vezes, sentindo-a cada vez mais como própria, desejada, querida. Quando você começar a sentir **prazer na ação**, aí você assimilou a atitude. Da próxima vez que o fato ocorrer, sua atitude será outra e seu... oponente perceberá a diferença – verás!

Notar que esse aprendizado é útil para qualquer desenvolvimento pessoal, para qualquer “tomada de consciência”, para a assimilação de qualquer “complexo”, mau sentimento – ou mau pensamento pessoal, familiar ou profissional.

APRENDENDO A ENSINAR

Muito de acordo com as ideias ecológicas que estão permeando a atmosfera da mídia, podemos dizer que ensinar é natural. Vemos na

TV aves e mamíferos cuidando de seus filhotes em muitos sentidos. Ao mesmo tempo que os alimentam, vão lhes ensinando visualmente – por imitação – inúmeras coisas importantes para a vida, vão ao mesmo tempo desenvolvendo a sensibilidade para o cheiro recíproco, as lambidas numerosas, o aconchego frequente. Essa é a melhor forma de educação que podemos imaginar.

Por que nos seres humanos as coisas ficaram tão diferentes, tão complicadas e, na certa, tão difíceis? Este livro foi escrito em grande parte para esclarecer muitas dessas complicações – e preveni-las.

POR QUE EDUCAR É TÃO COMPLICADO?

Nosso primeiro exemplo é uma crítica severa à nossa noção de escola. Ela ensina as crianças apenas a falar sobre – a dizer palavras: não dá a menor importância à intuição, aos sentimentos, à sensibilidade, às carícias, à proximidade, nem sequer ao convívio social entre os alunos e deles com os professores.

Pensamos que a infância – digamos, até os 5 anos – é uma idade em que a criança é bobinha, é simpática, é engraçadinha, mas não sabe nada de nada, e nós precisamos lhe ensinar quase tudo. Essa, pelo menos, é a noção tradicional que se tem da educação familiar. Mas já aqui a palavra “ensinar” se divide no perigo dos significados diferentes. No sentido em que a palavra é usada habitualmente, ela é apenas um saber verbal, é um saber dizer coisas, um explicar; é, sobretudo, um **saber dizer** como **deviam** ser feitas as coisas!

Talvez a mais profunda e certamente a pior convicção da mãe antiga é que educação se consegue falando. Como tudo que faz parte da ideologia (ou dos preconceitos – é a mesma coisa), as pessoas falam, falam, falam mil coisas que têm pouco ou nada que ver com o

que está sendo feito e com o que seria bom fazer. As pessoas falam em vez de olhar como são as coisas. As mães, quase sempre, quase todas, estão muito mais preocupadas em dizer para a criança sins ou não, como devia ser ou como não devia, dispostas a explicar interminavelmente mil pequenas ações, porque pode, porque não pode, sem perceber que de todas essas instruções o que de fato acontece é muito pouco ou quase nada.

De outra parte, é um dito popular de absoluta profundidade: a educação é principalmente imitação. É assim que os animais aprendem – visto que entre eles, graças a Deus, não existem nem escola nem conselho de mãe. É assim que as crianças aprendem, talvez até 2, 3 anos de idade, ao tempo em que a palavra é ouvida, sim, é entendida e até falada, mas está longe de ser bem compreendida.

A própria continuação ou repetição do velho sermão materno, quando confrontado com sua pouca utilidade, fazia as pessoas refletirem um pouco a respeito – e a mudar o discurso. Mas sabemos que isso não acontece assim. Ao mesmo tempo que se eterniza o sermão materno, eternizam-se também os pensamentos na mente do pai – e dos filhos. Quase tudo começa a se repetir, repetir, repetir...

Se prestarmos um pouco de atenção ao que nos passa pela cabeça quando a deixamos livre (isto é, a maior parte do tempo), se a deixarmos assim, perceberemos logo que soma infundável de repetição temos em nossa mente, sob uma aparência de diversidade e colorido. A maior parte das pessoas tem poucos pensamentos na cabeça, repetidos centenas, milhares ou dezenas de milhares de vezes, discursos ou sermões tão repetidos, tão enfadonhos, tão tediosos, tão inoperantes quanto o sermão materno.

Essa não é, com certeza, a melhor maneira de educar. Com as repetições, consegue-se pouco ou nada em termos de resposta da criança. Ela continua a fazer como sempre fez porque, não raro, quando a mãe se põe a criticar a criança, ao mesmo tempo vai fazendo aquilo que ela diz que a criança não faz. Concretizemos com o caso de um adolescente que deixa o quarto em desordem. Quase diariamente a mãe vai ao quarto e, enquanto faz um sermão sobre a